

## MODELO DE CIDADANIA E MODELO DE EDUCAÇÃO: A PAIDEÍA IDEALIZADA PELOS FILÓSOFOS

Vanessa Ferreira de Sá Codeço\*

**Resumo:** Propomo-nos, neste artigo, analisar a correspondência existente entre os modelos de paideía e cidadania na Atenas do Período Clássico (séculos V e IV a.C<sup>1</sup>). Utilizaremos como documentação textual as obras a *Política*, de Aristóteles, e as *Leis e República*, de Platão.

**Palavras-chave:** *Paideía*, Educação, Cidadania.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the correspondence between the models of paideía and citizenship in Athens of the Classical Period (centuries V and IV b.C). We will use as textual documentation the works the *Politics*, by Aristotle, and the *Laws and Republic*, by Plato.

**Keywords:** *Paideía*, Education, Citizenship.

A história da educação na Antiguidade se torna um objeto interessante na medida em que remonta à história de nosso próprio processo pedagógico (MARROU, 1966, p.4). Mesmo hoje, a educação, seu papel e a forma como ela deve (ou deveria) ser ainda é objeto de grandes discussões. No mundo antigo grego não seria diferente e através dos documentos que chegaram até nós notamos uma grande preocupação com o processo educacional e em como ele beneficiaria a *pólis* e seus cidadãos.

Nosso objeto de estudo surgiu da discussão a respeito do modelo de cidadania esperado na *pólis* dos atenienses. Ao nos aprofundarmos nas leituras, nas discussões de textos e, principalmente, na análise documental, nos deparamos com uma correspondência interessante: O modelo de cidadania esperado dos atenienses estava em total conformidade com o modelo de *paideía* que fora delineado por filósofos como Aristóteles, na obra *Política*, e Platão, nas obras *Leis* e *República*. No entanto, esse

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Laboratório de História Antiga (LHIA), sob orientação do prof. Dr. Fábio de Souza Lessa.

modelo de instrução não coincidia datalmente com sua execução. Os tratados que versam sobre a *paideía* são do final do Período Clássico e a sua correspondência no sistema formativo só veio a concretizar-se no Período Helenístico. Acreditamos que essa defasagem seja justamente do momento não só político (ascensão e permanência da democracia como forma de governo), mas cultural do quais os atenienses passavam.

Atenas estava transitando do estatuto de *pólis* para uma *cosmópolis* e assim os valores antes exaltados estavam em crise. Desta conjuntura nasceu a preocupação não só dos filósofos antes mencionados, mas de trágicos e comediógrafos, como Aristófanes, de exaltarem ideais passados e de tentarem deixar para as futuras gerações o legado de uma Atenas outrora repleta de tradição.

É comum considerar que há dois períodos na história da educação grega: o período antigo, que compreende a *paideía* homérica e a antiga *paideía* de Esparta e Atenas, e o novo período, o da *paideía* no "século de Péricles", o qual se inicia com os sofistas e se desenvolverá com os filósofos/educadores gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Depois, seguir-se-á o Período Helenístico, já de crise, em que a *Hélade* é conquistada, primeiro pelos macedônios e depois pelos romanos. É neste momento que temos uma "concretização" dos ideais clássicos da *paideía*, aonde as obras de Platão e Aristóteles ganham voz, justamente por ser este um momento de crise de valores. A cidade-Estado grega que não mais comportava as exigências de uma *pólis* no sentido aristotélico ou platônico do termo - um território geograficamente delimitado, restrito, com uma população reduzida e com vistas a um bem-comum e final. As obras remontam em "o que deveria ser", mas na verdade só se concretizam na forma clássica posteriormente a geração de Aristóteles e Alexandre, o Grande (MARROU, 1966, p.153).

Sob sua mais completa forma, a *paideía* ateniense supõe um conjunto complexo de estudos iniciado entre sete anos de idade até vinte anos e que possuía um objetivo: tornar-se ideal para buscar a harmonia entre o corpo e a mente, levando o cidadão a alcançar a *areté* (excelência).

No mundo antigo grego, existia um consenso normativo acerca do modelo de cidadania esperado. Porém, este consenso não estava acabado e nem possuía fácil acesso. Os helenos desconheciam um tratado que versasse sobre o modelo das virtudes cidadãs de forma unívoca, pois não era algo que estivesse presente na produção textual ou imagética de forma pronta.

Na verdade o conjunto de virtudes que aos cidadãos são dotados e exortados aparecem na documentação, seja textual ou imagética, de forma diluída e separada. Se quisermos montar um quadro com as virtudes que cabem ao cidadão heleno, teremos de buscar referências em diversas obras (não só filosóficas, como peças de teatro, biografias e outros tipos) para compormos um quadro mais aproximado.

Utilizamos aqui o quadro formulado por Fábio de Souza Lessa em que agrega ao cidadão as virtudes já anteriormente citadas: ser forte, viril, corajoso, lutar na linha de frente de batalha, praticar esportes, participar ativamente da vida pública, da política, obedecer às leis, comer o pão e beber o vinho misturado à água, cultuar os deuses, cuidar dos pais na velhice, casar e ter filhos do sexo masculino (LESSA, 2001, p. 22).

O objetivo fundamental da *paideía* era a formação do homem individual como *kaloi kagathói*. A partir do século V, exige-se algo a mais da *paideía*: além de formar o homem, ela deve ainda formar o cidadão. A antiga instrução, baseada na ginástica, na música e na gramática deixa de ser suficiente. É então que o ideal educativo grego

aparece como *paideía*, formação geral que tem por tarefa construir o homem como o todo, como *pólis* (JAEGER, 1995, p.147).

Primeiro, precisamos entender quem era este cidadão ático. Em Atenas, o direito à cidadania advinha daquele que fosse homem, livre, maior de dezoito anos, ser nascido em Atenas, filho de pai ateniense ou mãe ateniense, ser reconhecido pela *phatría* de seu pai, inscrito nos registros cívicos (*dêmos*) e cumpridor das obrigações militares (THEML, 1998, p.39). André Chevitarese nos atenta para os diferentes momentos em que redundaram em mudanças nas regras para a obtenção da cidadania em Atenas. Sua ampliação ou redução implicaram em um maior ou menor número de indivíduos participantes das decisões públicas e dos benefícios que o Estado pode distribuir entre seus iguais, como comum ao regime democrático (CHEVITARESE, 2000, p.63-67). Atenas era um *pólis* que de certa forma “exportava” seus valores e sua forma de vida, seja através das competições esportivas, dos vasos que circulavam no território grego ou através das escolas filosóficas. Neste sentido, esse alargamento ou não do corpo cívico também implicou num alargamento dos valores áticos.

*Paideía* - termo grego que pode significar “educação, cultura”., comumente traduzido por *educação* e relacionado, intimamente, à identidade, conduta que todo cidadão deveria respeitar e seguir para ser considerado honrado e virtuoso perante a comunidade. Segundo Claude Mossé, é um conceito muito mais amplo que compreende todas as atividades educacionais e culturais e que se desenvolveram a partir da segunda metade do século V. Este conceito abrange todo o processo educacional ateniense, consistindo em práticas intelectuais (como escrita e leitura), práticas físicas (esportes, caça), militares (*efebia*), além dos valores éticos que eram necessários a convivência na *pólis* (MOSSÉ, 2004, p.107-108). *Paideía*, neste sentido, serve como

um delimitador de fronteiras que traria ao futuro cidadão os pré-requisitos necessários para a vida *políade*.

*Paideía* e cidadania não eram pensadas para todo o corpo *políade* de Atenas, mas para uma camada bem restrita - os cidadãos (*polites*) - e dentro deste grupo, os cidadãos chamados “bem-nascidos”, grupo abastado da sociedade ática, portadores da *skholé* – ócio necessário e produtivo. O modelo e os valores da educação tradicional ateniense estavam ligados intrinsecamente aos da cidadania tradicional. O alargamento ou não do direito a cidadania acarretaria neste caso, um alargamento ou não desses valores que a *paideía* ática buscava cultivar.

Pontuados estes conceitos, passemos à análise documental:

Inicialmente, trabalhemos com Platão, na obra as *Leis*. Encontramos o projeto educacional idealizado pelo filósofo e que faz menção, direta ou indiretamente, ao modelo de cidadão perfeito que se pretendia alcançar:

*A boa educação se revela na capacidade de proporcionar ao corpo - sómata - e à alma - psikhás - toda a beleza - kállista - e excelências - areté - possíveis. Eis um princípio que se me afigura muito bem fundamentado (PLATÃO. Leis. VII, 788 c-d.)*

No Livro VII, Platão dedica especial atenção ao processo pedagógico de sua *pólis* perfeita e a primeira característica que salta aos olhos é a *justa medida*. Como dito pelo filósofo, a instrução ideal deveria proporcionar benefícios ao corpo e a alma tendo como objetivo a beleza e a excelência. Para o filósofo, aspirar esta excelência significava ocupar a criança desde pequena com atividades pedagógicas que moldariam a criança naquilo que a sociedade futuramente esperaria dela. Por isso, não é de se estranhar que a instrução não só para Platão, mas para Aristóteles comece muito cedo, por volta dos sete anos de idade.

*No que entende com a beleza física, a meu ver, o mais simples será começar direto desde a primeira infância. (PLATÃO. Leis. VII, 788 d.)*

*Há dois períodos em relação aos quais se deve dividir a educação: um dos sete até a puberdade, e em seguida outro da puberdade até os vinte anos. (ARISTÓTELES. Política. XV, 1342 a)*

Segundo os filósofos, a doutrinação desde pequena ajudaria a melhor formação da criança e também facilitaria encaminhá-la para o futuro ofício que desempenharia. Neste processo, até os sete anos, a criança permanecia com sua família, sob os cuidados das mulheres. Como os antigos estavam muito mais preocupados com a finalidade humana da educação, quase não se ocupam com essa primeira fase que para eles não faz parte da *paideia* propriamente dita (MARROU, 1966, p.160). Encontramos algumas referências em Aristóteles, onde o autor pontua a necessidade somente da inspeção dos jogos infantis, das lendas e histórias contadas e do cuidado para que as crianças não passassem muito tempo com escravos, a fim de que não assimilassem o servilismo típico deles (ARISTÓTELES. Política. VII, 1336 b).

Em Platão, duas preocupações são demonstradas nessa primeira fase: Uma concernente a poesia, que trabalharemos melhor no sub-item seguinte e outra concerne aos brinquedos e atividades aos quais estas crianças estariam relacionadas, uma vez que já visariam o futuro ofício:

*E afirmo que quem desejar adquirir capacidade seja no que for, deve começar desde criança, tanto nos brinquedos como em ocupações sérias e em tudo o que se relacionar com esse objetivo. Assim, o menino que aspirar a ser de futuro um bom lavrador, ou um construtor capaz, deverá ocupar-se com brinquedos relacionados com a construção de castelos de crianças e, no caso do lavrador, com trabalhos na terra, devendo os respectivos educadores fornecer a cada um deles pequenos instrumentos de trabalho, feitos sob o modelo dos verdadeiros, e providenciar para que eles aprendam com antecedência tudo o que precisarão saber (...) devendo o educador esforçar-se por dirigir os prazeres e os gostos das crianças na*

*direção que lhes permita alcançar a meta que se destinarem.*  
(PLATÃO. *Leis*. I, 643b-d)

No caso de Platão, essa preocupação com as atividades infantis já revelariam como objetivo um desenvolvimento psíquico e mental voltado para o futuro ofício, além de preparar o futuro cidadão para corresponder ao que a sociedade esperava. Exercitava também a busca pela *areté*, uma vez que a criança estaria em contato com a atividade que executaria desde o início, desempenhando-a cada vez melhor devido ao precoce treino.

No entanto, estas mesmas crianças que entrariam cedo em contato com essas atividades já deveriam responder a um pré-requisito básico, qual seja, o da excelência física e mental. Aristóteles, na *Política*, nos expõem a necessidade de uma lei que proibisse educar filhos disformes e doentes ou que permitisse a procriação antes ou depois de uma idade recomendada:

*Quanto a rejeitar ou criar recém-nascidos, terá de haver uma lei segundo a qual nenhuma criança disforme será criada. (...) Determinemos também a duração do período em que lhes será permitido procriar a serviço da cidade, pois os filhos de pais muito idosos, tanto os de pais muito jovens, nascem imperfeitos de corpo e alma, e os de pais excessivamente idosos nascem débeis.*  
(ARISTÓTELES. *Política*. VII, 1335 b).

Essa primazia por instruir crianças saudáveis nos demonstra que, para ter o direito a “melhor educação” era necessário “ser o melhor” de corpo e alma. Dentro no modelo de cidadania anteriormente exposto, essa perfeição conduziria a jovens fortes, ágeis, que obedecessem as leis e que buscassem a virtude em tudo o mais que fizessem. Um outro dado importante que nos cabe ressaltar deve-se ao fato dos atenienses não se verem como únicos, mas como parte de um todo único, perfeito e fechado. A primazia de educar crianças saudáveis reflete num desejo da *pólis* ser perfeita, uma vez que

Atenas nada mais era do que a soma de pequenas partes, o grupo familiar e, em última instância, o cidadão.

Passada essa primeira etapa infantil, inicia-se propriamente dita, a instrução. Quanto às áreas ensinadas, Aristóteles faz menção a quatro áreas básicas da educação. São elas: gramática (*grámmata*), ginástica (*gymastikén*), música (*mousikén*) e desenho (*graphikén*) (ARISTÓTELES. *Política*. VIII, 1337 b, 24-27).

Essas quatro áreas estariam divididas num extenso programa educacional, também dividido em quatro partes, que segundo Marrou, seriam algo como o ensino primário, secundário, o serviço militar obrigatório (a *efebia*) e o ensino superior. Cada fase do processo educacional durava cerca de sete anos e tinha como objetivo inserir o estudante no modelo esperado de cidadão e integrá-lo cada vez mais na dinâmica *políade*. É também neste instante que ocorre a separação entre meninos e meninas, uma vez que as meninas eram destinadas à educação em casa, ao lado das mães, escravas ou parentas velhas que lhes ensinariam a cozinhar, tecer, administrar o lar e tantas outras atividades reservadas a esfera feminina. Neste caso, elas aprenderiam a ler ou escrever somente se as mulheres que as instruísem tivessem tido algum conhecimento/contato com práticas de letramento.

A gramática e o desenho apareciam atrelados à área intelectual do conhecimento. Já a ginástica e a música eram voltadas para o físico, uma vez que os esportes eram praticados ao som de música. Platão faz menção nas *Leis* da importância da música, na busca do ritmo e da harmonia dos passos executados. A ginástica ainda subdividia-se em dança e luta. Tanto Platão como Aristóteles concordam da importância da ginástica, mas discordam quanto ao papel da música. Diz Platão:

*O fim da educação é duplo, por assim dizer: ginástica para o corpo e a música para o benefício da alma. A ginástica por sua vez se subdivide em dança e luta. Uma das partes da dança visa a imitar as palavras das Musas, (...); a outra promove os bons hábitos, agilidade e beleza dos membros e demais partes do corpo... (PLATÃO. *Leis*. VII, 795 e).*

*A gramática e o desenho são considerados úteis na vida e com muitas aplicações, e se pensa que a ginástica contribui para a bravura, quanto à música, todavia, levantam-se algumas dúvidas. (ARISTÓTELES. *Política*. VIII, 1337 b, 24-27).*

Ambos os filósofos assinalam que a ginástica contribuem para a bravura do cidadão. Platão cita ainda que os meninos devem desde os primeiros anos habituarem-se ao contato com os cavalos, armas e sempre tomarem parte nas procissões em honra aos deuses. Sobre a ginástica enfatiza que não possui outro fim senão trazer grande vantagem nos momentos de guerra e paz, na vida pública ou na particular (PLATÃO. *Leis*. VII, 796 c-e).

Com relação à música, a discrepância entre os filósofos se deve ao fato de Platão ver na música elemento fundamental para a execução da dança e da ginástica, na busca da harmonia perfeita dos passos executados. Aristóteles, no entanto, enxerga a música mais voltada para o lazer e acredita que misturar música com a educação, pode atrapalhar a execução da última e tirar o objetivo da primeira, qual seja, trazer tranquilidade e relaxamento a alma. Assim, ela deve se inserida em momentos apropriados para não atrapalhar o bom andamento dos deveres (ARISTÓTELES. *Política*. VIII, 1337a-1338b).

No que seria o “ensino primário”, os estudantes aprendiam a ler e escrever. Entravam em contato com autores clássicos e estudavam matemática. Em *póleis* como Atenas, leitura, escrita e aritmética parecem ter sido atributos comuns a boa parte da população livre. Mesmo a educação não sendo de responsabilidade estatal, o ensino formal ficava-se a nível do elementar. A formação vocacional adquiria-se em casa ou

por aprendizagem (FINLEY, 1963, p.81). No caso das famílias abastadas, o ensino das primeiras letras e da matemática eram quase certos, reservado à professores particulares e muitas vezes improvisados em cômodos ou na própria casa do aluno. Praticavam, também, minimamente os esportes (MARROU, 1966, p. 237). A prática esportiva mínima estava atrelada ao comprometimento do crescimento físico. Uma criança que recebesse uma pesada carga de exercícios não cresceria e não teria um corpo tão saudável quanto dos outros jovens.

*Que se deve usar a ginástica, e como se deve usá-la, são pontos pacíficos; até a puberdade convém prescrever às crianças exercícios leves, proibindo-lhes dietas e exercícios forçados, para que nada lhes prejudique o crescimento; há mesmo um prova nada desprezível de que o treinamento rigoroso pode levar a tal resultado (...) isso porque os treinamentos desde a infância e os exercícios exagerados lhes tiram as forças. (ARISTÓTELES. Política. IV, 1339 a).*

Passada essa primeira fase, a criança seria encaminhada para algo como o “ensino secundário”, aonde os estudos literários, da matemática, geometria (desenho) e da música intensificam-se. Nesse ínterim ela já deveria ter por volta dos treze ou catorze anos e assim estaria entrando na puberdade.

Mas é nas práticas esportivas que o principal objetivo se encontrava. Se na matemática nos deparamos com a justa medida e a exatidão das formas, para o corpo não seria diferente. Jovens exercitavam-se na busca de um corpo forte, viril e geometricamente perfeito, capaz de participar de competições atléticas (MARROU, 1966, p. 187).

Platão, no que concerne as práticas esportivas, assinala:

*Já apresentamos muitos reparos com referência à dança e a toda espécie de exercícios, pois incluímos no conceito de ginástica todos os trabalhos relacionados com a guerra: o tiro com arco, e outras modalidades de arremesso, o combate com armas leves e pesadas,*

*evoluções táticas, a arte de levantar ou fixar acampamento, e tudo o que se relaciona com o ensino da equitação (PLATÃO. Leis. VII, 813-d a 814-a).*

A ginástica acaba por torna-se o elemento preponderante em toda *paideía* não só ateniense, mas helênica de um modo geral, por dois fatores simples: sua importância militar e a capacidade de iniciação numa vida civilizada. Além das habilidades anteriormente citadas por Platão, havia outras modalidades esportivas que eram praticadas mais frequentemente: corrida a pé, arremesso de disco, dardo, salto em distância, luta, *pugilato* (boxe), pancrácio e o pentatlo (união de cinco modalidades, qual seja: corrida a pé, lançamento de disco e dardo, salto e luta). O gosto pelos esportes atléticos e sua prática permanecem desde a Época Arcaica um dos traços dominantes e definidores da identidade grega, separando dos bárbaros pelos seus valores éticos, tais como a força, a virilidade, a coragem, a nudez, a agilidade, a honra e o próprio exercício das modalidades esportivas (LESSA, 2001, p.22).

Os jovens passavam a freqüentar os ginásios e neles aprendiam as mais diversas modalidades esportivas sob a supervisão do *paidotribes*, normalmente um atleta adulto vitorioso e que nos vasos áticos é representado sempre com uma espécie de vara ou cajado, vestido, assistindo e ensinando aos atletas.

Cada modalidade atlética deveria contribuir para despertar uma série de atributos tais como a *andreía*, o espírito agonístico, a *koinonía*, a *euxía* (saúde) e a busca pela *areté*.

A ginástica era compreendida como uma prática que contribuía para a *andreía* do cidadão (ARISTÓTELES. *Política*. VIII, 1337 b, 28). Para Marrou, falar em esporte era se referir ao esporte competitivo, pois era neste contexto que se encontrava o ideal

agonístico herdado dos exemplos heróicos que os helenos tinham. Ser o melhor, o primeiro, o que se destaca em sua classe (MARROU, 1998, p. 213).

As modalidades esportivas também tinham vistas a ideais militares. Dardos poderiam ser substituídos por lanças, discos por escudos e a luta era imprescindível na guerra, além da agilidade e da coragem.

Nas origens, a cultura física estava ligada às necessidades da vida militarizada e apenas depois do século VII que podemos assinalar uma sensível desmilitarização de algumas *pólis*, como Atenas. Abandonando a vida marcadamente militar, como ainda encontramos em Creta e Esparta, os esportes em Atenas canalizavam para a esfera cívica e heróica (BARROS, 1996, p.31). Em tempos de paz, a educação gínmica tinha objetivos de construir o corpo do atleta e fazê-lo desejar e ser desejado com honra (SENETT, 1997, p.42)<sup>2</sup>. Peristiany afirma que a *timé* significa estima, honra, dignidade e no decorrer do Período Clássico, valor social e ordem de precedência. Este especialista apresenta, como primeiro requisito para a aquisição de honra, a necessidade de que esta seja reconhecida e respeitada pelo próprio grupo doméstico (PERISTIANY, 1988, pp. 147-154). A instrução se dava nos ginásios, complexos esportivos por excelência (JONES, 1997, p.177) e que abarcavam a *palestra* e o estádio (utilizado para a corrida a pé). Os jovens treinavam nus, unguídos de azeite e com uma fina camada de areia. A nudez dos corpos gregos assinalava significados específicos, como distinção entre fortes e fracos, evidenciava a civilização (já que os bárbaros não se exercitavam nus) e simbolizava um povo à vontade em sua *pólis*. Neste sentido, a nudez e a democracia dialogavam como exercícios máximos da liberdade de pensamento e expressão. O ato de exhibir-se confirmava a dignidade da cidadania e reforçava os laços cívicos (SENETT, 1997, p.30).

As práticas esportivas em suas diferentes modalidades também permitiam a interação de diferentes grupos de homens/cidadãos no interior da sociedade *políade*, explicitando suas alteridades (LESSA, 2003, p.53). Em Atenas, a esfera esportiva produzia uma identificação e uma promoção social, marcava o *eu* e o *outro*, implicava em prestígio perante seus *isoí*, promovia a coesão cívica e materializava a identidade sociocultural helênica.

A frequência aos ginásios não era obrigatória, mas um diferenciador social. Era também através dos desportos que os atenienses aprendiam que o corpo pertencia a algo muito maior, a *pólis*, a *koinonía* (SENETT, 1977, p.42), tornando-se um dos elementos de integração dos *isoí*, na medida em que, os homens se reconheciam nos olhos dos outros homens e marcavam suas identidades como cidadãos. A exibição e expressão máximas dessa identidade se davam nas competições esportivas aonde o jovem exibia seu corpo e tudo que aprendeu nos ginásios. As vitórias nas competições assinalavam a concretização da busca pela honra.

Na medida em que a *pólis* era perfeita, seus cidadãos também deveriam sê-lo e as vitórias nas competições e a busca da excelência física era a prova disso.

Inserido na esfera dos desportos, o jovem entrava em contato com outros jovens de sua idade e mais velhos. Nesta mesma fase, outra etapa também de grande importância no processo educacional ateniense ocorria: a *pederastia* como parte da instrução. A prática que unia dois homens, um mais velho e um mais novo, na busca de uma maior preparação deste último. Segundo Marrou, para o homem grego, a *paideía* também residia nas relações profundas e estreitas que uniam, pessoalmente, um espírito jovem (*erómenos*) a um mais velho (*erastés*). Esse homem mais velho seria seu guia, seu modelo, seu ideal e seu iniciador. A ligação amorosa homoerótica acompanha-se de

um trabalho de formação e de maturação, aonde o *erómenos* era iniciado lentamente nas atividades sociais do *erastés*: a assembléia, o ginásio, o banquete, a *agorá* (MARROU, 1966, p.58-59). Esta prática estava atrelada à construção do ideal de masculinidade, ligado diretamente ao de cidadão. A melhor escolha de seu parceiro, configuraria uma melhor iniciação e formação como homem.

Uma das referências primeiras e mais conhecidas de relações homoeróticas que encontramos na sociedade helênica é a relação entre Zeus e Ganimedes. Segundo o mito, Zeus se apaixonou por Ganimedes, da estirpe dos reis de Tróia e considerado “o mais belo entre os mortais”. Quando o jovem pastoreava os rebanhos do pai no Monte Ida, o deus raptou-o e levou-o para o Olimpo. Em algumas versões, foi a águia de Zeus a incumbida dessa missão. No Olimpo, Ganimedes tornou-se o copeiro dos deuses e, para compensar o pai (Ericônio, Trós ou Laomedonte, conforme a versão), Zeus presenteou-o com cavalos divinos. A relação entre os dois é tema de diversas cerâmicas áticas e assim, converteu-se num dos primeiros canais de propagação da pederastia como modelo.

A pederastia na sociedade dos atenienses podia ser aceita e valorizada, quando esta relação estivesse voltada para a educação do jovem, principalmente aristocrata. A questão educacional é fundamental, já que o *erómenos* ainda não possui seu *status* completo de cidadão, ele precisava aprender a se tornar um de pleno direito. Isto porque embora ele já nascesse pertencente a um determinado grupo social, ele não era considerado, imediatamente após o nascimento, como membro completo propriamente dito daquele grupo (REIS, 2002, p. 35).

Havia uma cuidadosa distinção entre o *erastés*, o parceiro ativo e mais velho, e *erómenos* (ou *paidiká*), o rapaz que o *erastés* tenta conquistar. A cerâmica grega nos

fornece indícios abundantes de como era a abordagem típica do homem a um jovem: conversas íntimas, presentes, manipulação do corpo do *erómenos* (em especial as genitais) e, por fim, a cópula, quase sempre entre as coxas. As posições de ativo e passivo, na cerâmica grega também eram representadas por outros indícios, tais como a ereção do *erastés*, ereção esta que não se encontra no *erómenos*. Como nas relações entre homens e mulheres em Atenas, os gregos costumavam a olhar com certo desprezo ao jovem que cedesse aos avanços do *erastés*, mas aplaudia naturalmente ao homem que conseguia conquistar o *erómenos* (JONES, 1997, p.150-151).

Era na esfera dos *sympósion* que boa parte desta instrução também ocorria. Os convivas, reunindo-se no *oikôs* de um amigo, bebiam vinho, conversavam assuntos que tangiam a *pólis*, faziam sexo e cometiam excessos. Dentro da relação homoerótica do *erastes* com o *erómenos*, a iniciação do *erómenos* nas atividades do banquete acabava por educarem-no no bem portar-se diante dos seus *isoí*.

As relações homoeróticas podem ter sido uma exclusividade dos mais ricos e ociosos do que de um grego que lutava para arrancar da terra seu sustento. Possivelmente também, era limitada a fases definidas do ciclo de vida masculino. Teoricamente, quando se começava a crescer os primeiros pêlos no corpo do jovem, a relação deveria terminar, já que configurava que o *erómenos* estava se tornando um adulto. Acreditamos que essa etapa da *paideía* ática era de extrema importância para a inserção do futuro cidadão nas práticas correntes na *pólis*.

Quase concernente a esta fase, o jovem chegava aos dezoito anos, e era inscrito no *dêmos* hereditário do pai, o que caracteriza ter se tornado um cidadão de pleno direito (MOSSÉ, 1993, p. 42). Também era inscrito no serviço militar obrigatório, o qual é chamado de *efebia*. O rapaz serviria por dois anos e aprenderia as práticas

militares. Os efebos inscritos eram alimentados e mantidos pela *pólis*, cumpriam dois anos de serviço, instruía-se em todas as estratégias necessárias para a defesa *políade* e se formaria enquanto *hóplita*. É nesse instante também que um dos papéis das práticas esportivas encontrava retorno, na medida em que somente jovens bem exercitados estariam aptos para a luta e defesa militar. A efebria também se configurara como forte instrumento de helenização (MARROU, 1966, p.176) e quando esta terminava, tínhamos um cidadão pleno formado - o cidadão/*hóplita*.

Caso fosse de interesse do aluno e se ele dispusesse de tempo e recursos, após essa etapa, o jovem (agora por volta dos 20 anos) poderia complementar seus estudos em algo que seria como o “ensino superior”. Nele, o já formado cidadão aprofundava seus conhecimentos nas mais diversas áreas como filosofia, astronomia, matemática, retórica e demais ciências. Os alunos freqüentavam academias de filósofos (como a academia Platônica, de Aristóteles, Epicuro...) e buscavam aprimorar mais seus conhecimentos a fim de obterem uma sabedoria ainda maior (MARROU, 1966, p.305).

Finley assinala que mesmo com o ensino das letras, a sociedade ateniense e helênica de uma forma geral, continuava excessivamente oral. Seria, portanto, na visão do autor,

*(...) uma distorção realçar a palavra escrita. Os gregos preferiam falar e ouvir: a sua própria arquitetura é a de um povo que gosta de falar: (...) teatros ao ar livre e os recintos de reuniões, mas também as mais características de todas as estruturas gregas, a stoá ou coluna tapada. Para cada pessoa que lia uma tragédia, havia dezenas de milhares que as conheciam por representação ou audição (FINLEY, 1963, p.82).*

Na literatura ou na filosofia, mesmo os homens da geração de Péricles ou Sófocles, aprenderam tudo o que sabiam por proscricção individual e informalmente dos mais velhos e dos contemporâneos, ou através de seu próprio esforço. Neste ímpeto

também, os homens conhecidos como os sofistas ganharam força, uma vez que viajavam ensinando, mediante remuneração considerável, a retórica, a filosofia, a arte de governar ou bem convencer qualquer um. Foi deste ímpeto inicial que a educação superior partiu, permanecendo uma atividade privada e dispendiosa, geralmente na base de mão-dupla “mestre-aluno” (FINLEY, 1963, p.81).

Platão e Aristóteles assinalam a importância de, no intercurso do processo educacional, o aluno ser doutrinado a viver de acordo com o sistema político ao qual sua *pólis* seguia. A ligação existente entre a educação e a política se justifica na tese platônica de que “jovens bem educados saem bons cidadãos” (PLATÃO. *Leis*. I, 641 c). Daí a importância de estudarmos o diálogo entre cidadania e *paideia*. Para Platão, a verdadeira educação era condição de bom governo e da existência de bons governantes. Para o filósofo, a verdadeira educação seria aquela

*voltada para a virtude, que vem desde a infância e nos desperta o anelo e o gosto de nos tornarmos cidadãos perfeitos, tão capazes de comandar como de obedecer, de conformidade com os ditames da justiça.* (PLATÃO. *Leis*. I, 643 e).

Para Aristóteles,

*A educação deve ser adequada a cada forma de governo, porquanto o caráter específico de cada constituição a resguarda e mesmo lhe dá bases firmes desde o principio (...) o melhor caráter sempre origina uma constituição melhor* (ARISTÓTELES. *Política*. VIII, 1337a).

A dinâmica de ora governantes, ora governados, segundo Aristóteles, seria fruto de uma educação ministrada de certa forma igual e de certa forma diferente entre os atenienses, pois “quem aspira a ser um bom governante deve ter sido antes governado” (ARISTÓTELES. *Política*. XIII, 1333a). Em Platão, o desempenho do educando deveria ser acompanhado, para então ocuparem os lugares que lhe são de direito na

*pólis*. Sendo constantemente observados e testados, aqueles que se mantivessem firmes diante das provações e dessem provas de rigidez de caráter, seriam escolhidos para ocuparem postos de auxiliares e os melhores dentre estes, assumiriam os postos de chefes e guardiões (PLATÃO. *República*. III, 412 e - 413d).

Tanto para Platão como para Aristóteles, a educação teria vistas a formar indivíduos preocupados com um bem-comum e final, atrelados a uma continuidade e salvação *políade*. Neste sentido, o cidadão não pertence a si mesmo, mas a algo bem maior, no caso, a *pólis* (ARISTÓTELES. *Política*. VII, I, 1337 a).

Bem entendido isso, precisamos assinalar que este ciclo educacional jamais era percorrido até o fim, salvo por uma pequena elite favorecida (os chamados *Kalói Kagathói* – belos e “bem-nascidos”). Mesmo para ser alfabetizado, freqüentar os ginásios ou para ter acesso não só ao ensino de sofística, mas ao ensino superior também, eram necessários recursos financeiros dos quais poucas famílias em Atenas dispunham. Vale também ressaltar que esse processo educacional não se estendia aos escravos, *metecos* ou mulheres, pelo menos não a instrução cidadã. Como a cidadania, a *paideía* era uma prerrogativa de poucos e se haviam restrições a quem teria acesso a ela, haviam também a quem poderia manter-se nela. Neste sentido, os grupos abastados acabavam por serem seus maiores beneficiados.

<b>QUADRO 1</b> <b>COMPARAÇÃO ENTRE O MODELO DE PAIDEÍA E O MODELO DE CIDADANIA</b>	
<b>Modelo de <i>paideía</i>:</b>	<b>Modelo de cidadania</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ser coisa pública</li> </ul>	-
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ministradas em crianças sadias de corpo e mente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Força</li> <li>▪ Agilidade</li> <li>▪ Busca pela excelência</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Equilíbrio entre corpo e mente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Praticar esportes</li> <li>▪ Obediência as Leis</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Busca pela <i>areté</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Busca pela excelência</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Busca pela honra</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Coragem</li> <li>▪ Honra</li> <li>▪</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Contribuir para a <i>andreía</i> do cidadão (coragem)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Praticar esportes</li> <li>▪ Virilidade</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estimular a vida e participação pública</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação ativa da vida pública e da política</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Deveria ser adequada a cada forma de governo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Obediência as Leis</li> <li>▪ Participação política</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preparar o cidadão para corresponder o que a sociedade esperava</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Casar</li> <li>▪ Ter filhos do sexo masculino</li> <li>▪ Comer o pão e beber o vinho misturado à água</li> <li>▪ Cultuar os deuses</li> <li>▪ Cuidar dos pais na velhice</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preparar para momentos de guerra e paz</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Lutar na linha de frente de batalha</li> <li>▪ Participação ativa da vida pública e da política</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Falar a língua grega</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação ativa da vida pública e da política</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estimulo ao ideal agonístico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Busca pela excelência</li> </ul>

Para aqueles que conseguissem concluir toda essa etapa educacional, o já formado cidadão estaria apto para desempenhar as funções do cidadão/soldado

esperadas dele. Neste sentido, todos os pré-requisitos para ser um cidadão honroso eram respondidos pela *paideía*, conforme vislumbramos no quadro abaixo:

Somente um item do modelo de *paideía* não encontrou correspondente com o modelo de cidadania: o concernente ao ensino público, correspondência esta que encontraremos somente no Período Helenístico, com o advento de escolas públicas. Com exceção deste, todos os outros atributos destinados a um cidadão são respondidos pelo modelo de educação e nele encontram também sua finalidade.

Os ginásios e escolas públicas só se tornarão uma prática no Período Helenístico, como dito anteriormente. Nesta época, a educação deixa de estar entregue à particulares e torna-se objeto de regulamentação oficial.

Aristóteles impõe ao legislador um dever estrito de legislar sobre a educação, porque em seu tempo, a existência de uma instrução pública que fosse assumida pelo Estado, permanecia uma originalidade das *pólis* “aristocráticas”, como Esparta e Creta (ARISTÓTELES. *Política*. IV, 1300 a 4-6).

Os cidadãos deveriam ter contato inicial com as ciências propedêuticas à dialética, porém tal contato teria um caráter livre e nenhum jovem, para Platão, seria forçado a dedicar-se a estes estudos. Mas aqueles que se enveredassem naturalmente por esse caminho e conseguissem destacar-se nas outras atividades, deveriam ser separados e treinados num grupo à parte. Somente na idade dos vinte anos é que eles seriam definitivamente separados dos demais e os escolhidos seriam promovidos com honrarias e deveriam dedicar-se apenas àquelas ciências que precedem a dialética (PLATÃO. *República*. VII, 537 a-d). O acesso aos mais importantes postos da *pólis* deveria ser restrito aos que conseguissem superar uma série de etapas seletivas, de modo que sua posição na hierarquia da *pólis* seria proporcional a sua capacidade intelectual e sua

retidão moral. Nem a riqueza, nem o nascimento, seriam condições para que alguém assumisse o governo ou o comando dos exércitos (PLATÃO. *República*. IV, 423 d- 424 a).

Tanto em Platão como em Aristóteles, vemos uma correspondência com suas idéias em relação ao modelo educacional pensado e o modelo de cidadania devido ao próprio sentido que a *paideía* detinha. De uma forma geral, os gregos se viam como gregos. Sua identidade helênica era maior do que sua identidade regional de ateniense ou lacedemônio. Partilhavam os mesmos valores, tais como a religião, a língua grega e hábitos correntes, como beber o vinho misturado a água, ter filhos preferencialmente do sexo masculino ou lutar pela defesa de sua *pólis* de origem, ou pela Hélade (FINLEY, 1963, p.31). Neste sentido, *paideía* representa muito mais do que um sistema educacional, mas uma via pela qual o sentido do que é a própria identidade helênica perpassa.

Objetivamos neste artigo analisar de que forma os modelos de cidadania e *paideía* aparecem nas obras de Aristóteles e Platão. Vislumbramos que os modelos são concebidos de forma fechada e acabada, que se completam e que são voltados para uma *pólis* ideal. Atentamos, ainda, que esses modelos são ideais, não correspondendo, de fato, a realidade ática do V século. Acreditamos que da necessidade de congelar esses valores é que denuncia a ausência ou quase inobservância deles no momento de escrita das obras.

### **Documentação Textual**

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

PLATÃO. *Diálogos, Leis e Epínomis*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

\_\_\_\_\_. *República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

### **Dicionários**

MOSSÉ, Cl. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GRIMAL, P. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

KURY, M. G. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

### **Bibliografia**

BARROS, G. *As Olimpíadas na Grécia Antiga*. São Paulo: Pioneira, 1996.

BATAGELLO, R. *A República de Platão: relações entre a crítica do sistema educacional grego e as transformações na estrutura militar no período clássico*. Campinas, São Paulo: [s.n.], 2005. (Dissertação de Mestrado)

CAMBIANO, G. Tornar-se Homem *In: VERNANT, J.P. (dir.) O Homem Grego*. Lisboa: Ed. Presença, 1993.

CANFORA, L. O cidadão *In: VERNANT, J.P. (dir.) O Homem Grego*. Lisboa: Presença. 1993.

CHEVITARESE, A.L. *O Espaço Rural da Pólis Grega: o caso ateniense no período clássico*. Rio de Janeiro: A.L. Chevitarese, 2000.

FINLEY, M. I. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- \_\_\_\_\_. *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70, 1963.
- GODOY, L. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- HAVELOCK, E *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 a.
- HAVELOCK, E. *Prefácio a Platão*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996 b.
- JAEGER, W. W. *Paideía A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JONES, P.V. (org) *O Mundo de Atenas: Uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LESSA, F.S. *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Agorá*. Rio de Janeiro: LHIA-IFCS, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2004.
- \_\_\_\_\_. Corpo e cidadania em Atenas Clássica *In: THEML, N., BUSTAMANTE, R.M.C., LESSA, F. S. (org). Olhares do Corpo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- LIMA, A. C.C. *Cultura Popular em Atenas no V século*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.
- MARROU, H.I. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1966.
- MARROU, H.I. Educação e retórica. *In: FINLEY, M.I. (org.) O Legado da Grécia: uma nova avaliação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- MOSSÉ, C. O que é preciso para se tornar cidadão? *In: O cidadão na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Atenas: a História de uma Democracia*. Brasília: UnB, 1997.
- PAPPAS, N. *Plato and the Republic*. London and New York: Routledge, 1997.

- PELOSO, D. M. *A Caça e a educação do jovem na Atenas do V e IV séculos a.C.: Conflito e busca de recuperação do prestígio social*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. (Monografia)
- PERISTIANY, J. G. *Honra e Vergonha: Valores das Sociedades Mediterrâneas*. Lisboa: Fundação Calouste, Gulbenkian, 1988.
- REIS, R.C.L. *Erastés, erómenos e os aristocratas atenienses*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Programa de Pós Graduação em História Social, 2002. (Dissertação de Mestrado).
- ROCHA, Maria Christina de Caldas Freire. *A Palavra como prática Política na Democracia Ateniense*. In: *Phoênix*. Rio de Janeiro: Sette letras, 1995.
- ROMILLY, Y. J. *Los Grandes Sofistas em Atenas de Péricles*. Barcelona: Seix Barral, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos da Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.
- SABINO, C.L.M. *A construção do herói grego e o modelo de bela morte em Atenas (séculos VIII ao V a.C.)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (Monografia)
- SENNETT, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- SWEET, W. E. *Sport and Recreation in Ancient Greece. A sourcebook with Translations*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1987.
- THEML, N. *Público e Privado na Grécia do VIII ao IV séc. a. C.: O Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e Formas de Poder na Antigüidade*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002.
- VERNANT, J-P. (dir.). *O Homem Grego*. Lisboa: Ed. Presença, 1991.

\_\_\_\_\_. *Origens do Pensamento Grego*. São Paulo: Difel, 1972.

YALOURIS, N. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2004.

---

<sup>1</sup> Todas as datas contidas neste artigo são do período antes de Cristo (a.C.)

<sup>2</sup> Segundo o autor, a sociedade ateniense se dividia em duas esferas antagônicas: a honra, atrelada à força, atividade e a publicidade dos atos e a vergonha, atrelada à fragilidade, passividade e atos escondidos. Seria através da postura e da repercussão pública das ações que os cidadãos estariam fadados a uma das duas esferas. O autor também trabalha a importância da nudez ateniense e assinala que seu exercício, mas do que mera exibição física, constituía-se numa exposição de idéias e assinalava um cidadão à vontade em sua *pólis*, nada tendo a esconder e honrado por sua forma de governo, neste caso, a democracia. (SENNETT, 1997, p. 29-59)